

ESPORTES



Conheça a versão gestora de Adriana Samuel, pioneira e medalhista olímpica do vôlei de praia nos Jogos de Atlanta-1996 e Sydney-2000

A bola de segurança no apoio



Markos Fortes/Divulgação

VICTOR PARRINI
Enviado especial

Rio de Janeiro — A menos de duas semanas da abertura dos Jogos de Paris-2024, um exercício de memória. Da primeira edição da competição mais nobre do mundo para cá, na Antuérpia-1920, o Brasil conquistou 150 pódios. Treze com o vôlei de praia, a quinta modalidade com maior contribuição nessa linha de produção de medalhas para o país. Duas delas passaram pelas mãos de Adriana Samuel: a prata na estreia da disputa em Olimpíada, em Atlanta-1996, e o bronze na versão de Sydney-2000. Vinte e três anos depois da aposentadoria, ela poderia constatar: sair do esporte é fácil, difícil é ele te deixar.

Adriana Samuel não joga mais profissionalmente, mas atua em uma posição fundamental para o funcionamento das engrenagens olímpica e paralímpica do país. Pioneira do vôlei de praia, hoje ela atua na captação de marcas e incentivos para a formação e gestão de times e competidores. Aos 58 anos, trabalha como gestora do Time Petrobras, projeto tocado desde 2015 com patrocínio a 55 atletas. Ela é uma espécie de embaixadora dos competidores. Defende o apoio financeiro estatal e tem como respaldo a visão e a experiência de quem esteve do outro lado do balcão.

“Imagine um atleta se dedicar. Ele para a vida. As pessoas tendem a achar que os atletas vivem em uma bolha, que não pagam contas, não precisam de plano de saúde para a mãe, não têm de fazer economia, porque a vida é curta e vão parar cedo. A maioria não consegue fazer um pé de meia. É aí que você vem com esse aporte direto para que modalidades sem tanto investimento comprem a primeira casa.

Tenho milhões de argumentos para justificar um atleta receber patrocínio direto”, expõe ao **Correio**.

A versão gestora de Adriana Samuel foi descoberta nas areias. Ela não precisou se distanciar do esporte para buscar inspiração para a segunda grande empreitada. “A praia foi meu grande laboratório e faculdade, me fez descobrir uma veia comercial, pois adorava fazer meus projetos de patrocínio e captação. Quando paro de jogar, a Adriana Behar e a Shelda Bedê, adversárias, me chamam para ser empresária delas. Estive com ambas por sete anos, com três contratos. Olha só como são as coisas. Não é de uma hora para outra. Depois veio Ricardo e o Manuel, Tãde e Giovane quando foram para a praia, os ajudei em captação de patrocínio”, compartilha. Adriana também liderou o Time de Atletas Embratel, entre 2010 e 2018.

Visão

A menos de duas semanas da abertura dos Jogos Olímpicos de Paris-2024 e a 46 do início dos Paralímpicos, o Time Petrobras tem 55 protagonistas patrocinados. Em quase uma década de atuação, o projeto viu atletas conquistarem 157 medalhas em Pan-Americanos, Olimpíada e Paralimpíadas. Os R\$ 28 milhões injetados em campanhas de figuras conhecidas, como Isaquias Queiroz (canoagem), Ana Marcela Cunha (águas abertas) e Hugo Calderano (tênis de mesa). Outros nem tanto. É aí que entra a sensibilidade da gestora na distribuição dos recursos.

“São níveis salariais diferentes, obviamente, em função dos resultados. O Isaquias construiu quatro medalhas olímpicas e não tem como ganhar o mesmo valor que o Mateus Nunes (canoagem), de 18 anos. Existe a questão de quem é

o atleta, a imagem... Pensamos no que o atleta tem para oferecer em termos de contrapartida. As negociações são específicas. No skate e no surfe, não podem colocar logo-marca na camisa, não podem usar boné com marca, você tem poucos espaços para aproveitar. São muitos desafios quando você entra no momento da negociação”, detalha.

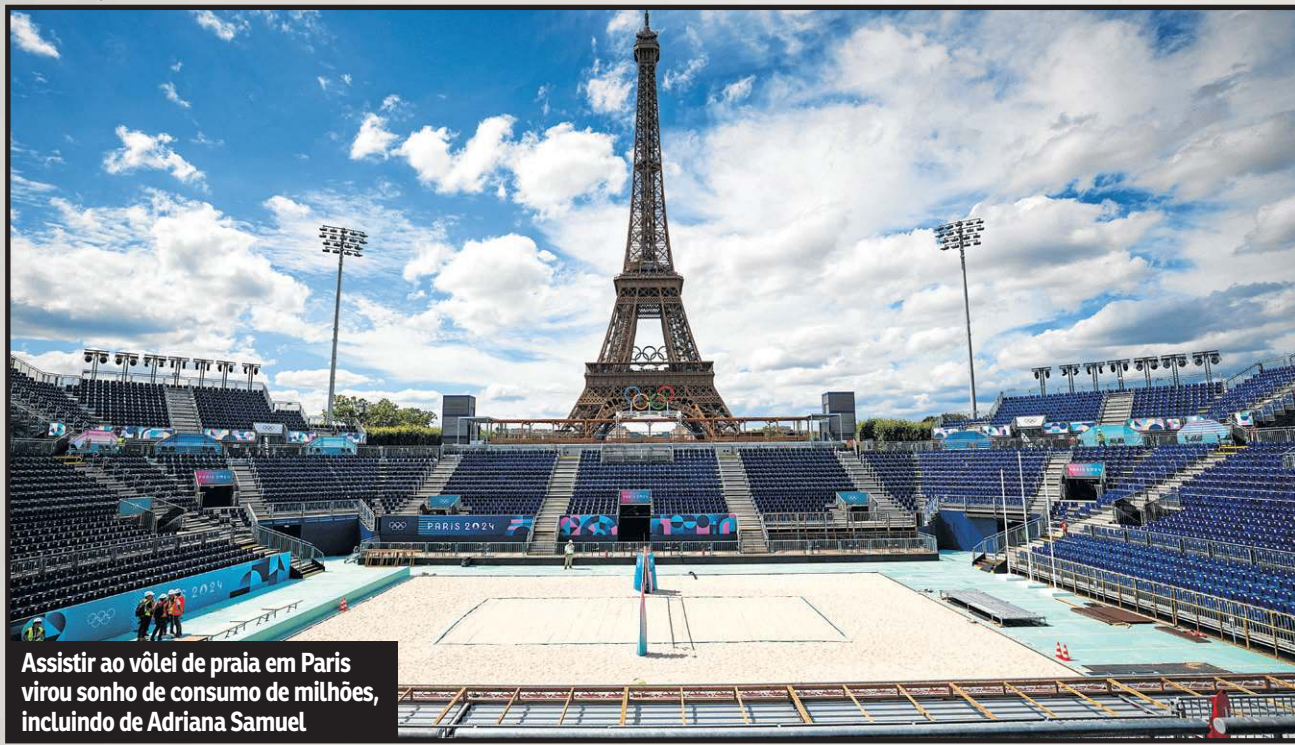
A terceira Olimpíada como capitã do Time Petrobras a leva a crer em resultados expressivos. Isaquias Queiroz, Ana Marcela Cunha, Martine Grael e Kahena Kunze (vela) são palpites seguros. Marcus D’Almeida (tiro com arco), Ana Patrícia e Duda, Carol Solberg e Bárbara Seixas (duplas do vôlei de praia), Keno Marley (boxe), Guilherme Schimidt (judô), Flávia Saraiva (ginástica artística) e Ana Sátila (canoagem slalom) estão no bilhete de aposta.

Além de gestora, Adriana costuma ser conselheira. A experiência a permite bater na tecla do planejamento pós-carreira com os próximos. “Isso é tão difícil, já pensei tanto. No auge, são poucos que enxergam que aquilo acabará. Eu tive muita clareza e fui muito feliz. Eu tinha muita coisa para fazer além do vôlei.”

“Coloquei na cabeça de ir a essa Olimpíada, mais em uma vibe de torcedora, a passeio, mas acho que vou trabalhar muito. É muito impactante”, ressalta. Ao ser provocada sobre qual edição gostaria de ter jogado após a aposentadoria, ficou em cima do muro. “Páreo duro. Rio de Janeiro, jogar em casa... A briga é pesada, mas, pela arena, Paris. Essa é uma das sacadas legais do vôlei de praia, não é como em Atlanta-1996, quando levaram para um bosque. Sydney também foi maravilhoso”, relembra.

*O repórter viajou a convite da Petrobras

Dimitar Dilkov/AFP



Assistir ao vôlei de praia em Paris virou sonho de consumo de milhões, incluindo de Adriana Samuel

Giro olímpico

Ben Stansall/AFP



Tênis

A tcheca Barbora Krejčíková e a italiana Jasmine Paolini (**foto**) protagonizam, hoje, às 10h, a final feminina do simples de Wimbledon, a oitava diferente nos últimos oito anos. A ESPN transmite.

Andrej Isakovic/AFP



Mais tênis

Também está definida a final masculina. Novak Djokovic (**foto**) bateu o italiano Lorenzo Musetti ontem e enfrentará, amanhã, o espanhol Carlos Alcaraz, algo do russo Daniil Medvedev na semi.

Valery Hache/AFP



Atletismo

Alison dos Santos ficou em terceiro lugar nos 400 metros com barreira na etapa de Mônaco da Diamond League, em Montecarlo. Foi o último teste do brasileiro antes de Paris-2024.

Juan Ocampo/AFP



Basquete

Principal astro do basquete mundial, LeBron James confirmou a despedida de Olimpíadas com a disputa na França. O jogador de 39 anos ficará de fora da disputa em casa, em Los Angeles-2028.

COI



e-Sports

O Comitê Olímpico Internacional anunciou a criação dos Jogos Olímpicos dos esportes eletrônicos. A primeira edição será na Arábia Saudita, em 2025. A periodicidade do evento não foi confirmada.

Bertrand Guay/AFP



Rio Sena

A Prefeitura de Paris afirmou que a qualidade da água atendeu ao padrão de exigência por 10 ou 11 dias dos últimos 12. Tudo indica que o Rio Sena seguirá como “palco” da abertura dos Jogos.